

Título: Entre corpos, espaços e imagens em movimento: interseccionalidades no filme “Garota Negra”, de Ousmane Sembène

Autor: Kevin Pinheiro Tinti, UEMG (contatotinti@discente.uemg.br); Danielle Faria Peixoto, UEMG (danielle.peixoto@uemg.br); Helena Azevedo Paulo de Almeida, UEMG (helena.almeida@uemg.br)

Resumo

O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações acerca das relações interseccionais entre gênero, raça, colonialidade e espaço presentes na obra Garota Negra (1966), do diretor Ousmane Sembène. Através da metodologia da análise fílmica semiótica (Bordwell, 1985) e sob a ótica de leituras decoloniais (Quijano, 2000; Lugones, 2008), observa-se a trajetória de Diouana, uma jovem senegalesa que se desloca de Dakar para a França cativada pelo ideal civilizatório europeu ancorado a uma lógica colonialista e de dependência econômica persistente entre os dois países. O presente artigo dialoga com o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso que permeia a relação Geografia-Cinema com ênfase nas representações espaciais presentes nas imagens em movimento, sendo parte da bibliografia deste texto uma composição do mesmo trabalho. Identificou-se três espacialidades representadas na obra: a Riviera Francesa, no filme, uma região idílica dotada de beleza cênica que se apresenta como terra de oportunidades; a cidade de Dakar, que se relaciona com as origens da protagonista e sua ancestralidade; e o apartamento dos patrões, um lugar que se materializa enquanto dispositivo espacial de dominação. A partir do debate do corpo-território (Zaragocin, 2020; Cabral, 2013), explora-se a dinâmica da corporeidade da protagonista ora como território colonizado, ora como território de resistência. O filme transparece as múltiplas camadas de opressão que incidem sobre corpos racializados e feminizados no contexto do pós-colonização, com o espaço representado – do Senegal pós-colonial ao ambiente doméstico francês –, reflexo e condicionante das relações coloniais e desigualdades estruturais preexistentes.

Palavras-chave: Corpo-território; interseccionalidades; representação espacial.

Abstract

This paper aims to reflect on the intersectional relationships between gender, race, coloniality, and space present in Ousmane Sembène's film Black Girl (1966). Employing the methodology of semiotic film analysis (Bordwell, 1985) and drawing on

decolonial theoretical frameworks (Quijano, 2000; Lugones, 2008), the study examines the journey of Diouana, a young Senegalese woman who moves from Dakar to France, enticed by the European civilizational ideal rooted in colonial logic and persistent economic dependency between the two countries. The article is part of a broader undergraduate thesis project exploring the Geography-Cinema relationship, with an emphasis on spatial representations in moving images. Three spatialities are identified in the film: the French Riviera, depicted as an idyllic land of opportunity; the city of Dakar, which connects the protagonist to her origins and ancestry; and the employers' apartment, which materializes as a spatial device of domination. Drawing from the body-territory debate (Zaragocin, 2020; Cabnal, 2013), the analysis explores the dynamics of the protagonist's corporeality as both a colonized and a resistant territory. The film reveals multiple layers of oppression affecting racialized and feminized bodies in the post-colonial context, with the represented spaces—from post-colonial Senegal to the French domestic environment—serving as both reflections and determinants of colonial relations and enduring structural inequalities.

Keywords: Body-territory; intersectionalities; spatial representations.

